



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



O NEGRO-VIDA SOBRE O BRANCO-VIDA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE PESQUISADORES BRANCOS A PARTIR DO PENSAMENTO NEGRO

Rafael Dantas de Oliveira¹

RESUMO: A partir do campo dos Estudos Críticos da Branquitude (ALVES, 2012; KILOMBA, 2019; SCHUCMAN, 2020; SOVIK, 2009) e dos conceitos e críticas de Guerreiro Ramos (1995) e Lourenço Cardoso (2020) como, “negro-tema”, “negro-vida”, “patologia social do branco brasileiro” e “Branco Drácula”, no presente artigo tenho como objetivo geral tecer algumas considerações sobre pesquisadores brancos do negro-tema, de modo a evidenciar que a produção científica de autoria branca não é neutra, mas também socialmente localizada e interessada, e que ao criar o Outro ela cria a si mesma (CARNEIRO, 2023; OLIVEIRA, 2023).

Palavras-chave: Estudos Críticos da Branquitude; Pesquisadores brancos; Negro-tema.

INTRODUÇÃO: A CIÊNCIA NÃO É NEUTRA

Não é de hoje a tradição de discutir “raça” na academia, mas “[...] falar de raça, tanto no imaginário popular quanto em trabalhos acadêmicos, tem sido falar de negros” (ALVES, 2012, p. 15). Guerreiro Ramos (1995) ao observar essa recorrência a nomeia como “sociologia do negro”, o que Lourenço Cardoso tem atualizado e conceituado como “epistemologia do negro” (2020, p. 76):

A epistemologia do negro possui uma abordagem unilateral, logo, não relacional. O termo “relação racial” não condiz com a produção científica relativa ao tema, porque trata do problema do negro (BENTO, 2002a, p. 44), esquecendo, invisibilizando o branco. Em síntese, isso tudo significa que o modo de pensar da razão dual racial [branco e negro] produz uma epistemologia do negro. Isto é, a objetividade da racionalidade dual racial é a epistemologia do negro. Portanto o ato de produzir teoria racial significa invisibilizar o branco e pensar somente a respeito do negro de forma geral (CARDOSO, 2020, p.76).

Posto isso, o que é epistemologia e de que forma ela se relaciona com a branquitude²?

Grada Kilomba argumenta que:

¹ Mestre em Estudos Culturais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, graduado em Artes Visuais – UFMS, integrante do Laboratório de Estudos Orientais – AZIMUTE/UFMS e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Arte Latino-americana – GEPALA/UFMS. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: rafaeldantasdeoliveira02@gmail.com

² Lia Schucman argumenta que “[...] a branquitude é entendida como uma posição em que os sujeitos que a ocupam foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos,



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



A epistemologia, derivada das palavras gregas *episteme*, que significa conhecimento, e *logos*, que significa ciência, é a ciência da aquisição de conhecimento e determina que questões merecem ser colocadas (*temas*), como analisar e explicar um fenômeno (*paradigmas*) e como conduzir pesquisas para produzir conhecimento (*métodos*), e nesse sentido define não apenas o que é conhecimento verdadeiro, mas também em quem acreditar e em quem confiar. Mas quem define quais perguntas merecem ser feitas? Quem as está perguntando? Quem as está explicando? E para quem as respostas são direcionadas? (KILOMBA, 2019, p. 54).

Tendo em vista que o racismo produz realidades diferentes para brancos e negros, conseqüentemente influi sobre os questionamentos, os temas, os interesses, os modos de conduzir pesquisas e como explica-las, sendo assim, “A ciência não é, nesse sentido, um simples estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações raciais de poder que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em quem acreditar” (KILOMBA, 2019, p. 53-54). Do mesmo modo, segundo Patrícia Hill Collins, “Escolhas epistemológicas sobre quem é digno de crédito, no que acreditar e por que algo é verdadeiro não são questões acadêmicas neutras” (2020, p. 142). Esses apontamentos não advogam contra a epistemologia, mas apontam que a produção de conhecimento está atrelada ao funcionamento do racismo, ao mesmo tempo em que é fruto e produtor dele. Além disso, denunciam que a produção de conhecimento não é neutra, é também localizada, “Nenhum acadêmico ou acadêmica está isento de ideias baseadas em culturas específicas, tampouco em sua localização no interior de opressões intersectadas de raça, gênero, classe, sexualidade e nação” (COLLINS, 2020, p. 143).

Lourenço Cardoso aponta que “No ambiente acadêmico, ser branco significa ser o cientista, o cérebro, aquele que produz o conhecimento” (2020, p. 13), algo que pude verificar em minha própria experiência. Ainda aluno, em sala de aula na graduação e pós-graduação, inúmeras vezes tive minha fala interpelada por professores brancos que diziam não entender meus argumentos, que eles eram muito subjetivos, que eu olhava tudo a partir da raça, que “procurava coisa onde não tem”, e/ou que não interpretava corretamente os teóricos europeus quando sinalizava que muitos deles olhavam somente para si e que produziam/reproduziam discursos colonialistas, mesmo quando eu argumentava com base e referencial teórico sólidos. Enquanto isso, aos colegas brancos, em especial aos homens brancos, automaticamente lhes eram conferidos credibilidade. Podiam opinar e criticar tudo e todos, pois, afinal, discutiam a

gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade” (2020, p. 60-61).



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



partir da razão, da objetividade, da “neutralidade”. Como observa Lourenço Cardoso, “O negro a partir do instante que entra numa instituição escolar é apresentado ao narcisismo branco (BENTO, 2002a) [...] além do mais, educa-nos, ou melhor, “deseduca”, “domestica” a não criticá-lo, o que é encorajado, e ensinado é admirá-lo, deseja-lo” (2020, p. 133), algo que se repete na academia, principalmente nos “níveis mais altos”, como nas pós-graduações e cadeiras de docência. Grada Kilomba ao analisar essa relação, argumenta que:

Quando elas/eles falam é científico, quando nós falamos é acientífico.
universal / específico;
objetivo / subjetivo;
neutro / pessoal;
racional / emocional;
imparcial / parcial;
elas/eles têm fatos / nós temos opiniões;
elas/eles têm conhecimento / nós temos experiências.

Essas não são simples categorizações semânticas; elas possuem uma dimensão de poder que mantém posições hierárquicas e preservam a supremacia branca (KILOMBA, 2019, p. 52).

Segundo Lourenço Cardoso (2020), ser branco e cientista/pesquisador é não ter a sua credibilidade questionada, nem seus interesses, motivações, rigor e escolhas teórico-metodológicas, e com isso os brancos não questionam sua própria branquitude, tornando-se assim, uma tradição na academia. “O branco é o “pesquisador-mor” das teorias raciais ou, se preferirem, ele é o pilar fundamental que pautou a epistemologia sobre o negro” (CARDOSO, 2020, p. 262), e ao pesquisar e produzir sobre o Outro, esconde-se. Embora exerça o papel de protagonista, “[...] o cientista branco se mostra como uma forma de se esconder. Ele se esconde com o nome “ciência” (CARDOSO, 2020, p. 262). Assim, “[...] para alguns brancos pesquisadores do negro-tema talvez seja verdadeiramente um disparate que “um ex-objeto-negro” (ou para eles “sempre objeto”) venha inquiri-los a respeito de sua “perfeição” (ou quase perfeição)” (CARDOSO, 2020, p. 268).

De fato, os brancos ainda não estão acostumados a serem e terem suas práticas analisadas, estudadas, e isso pode causar situações de constrangimento e estranhamento, pois o que há de se questionar à “perfeição”? Lourenço Cardoso argumenta que:

Os meus olhos observam que o teórico branco, ao definir o negro, é omissos a respeito de si. Ou mais concretamente, silencia sobre o que é ser branco; a ideia de branco, a identidade branca, o conceito branco. Dessa forma usufrui da leveza, da liberdade e de uma pretensa condição humana exclusiva (CARDOSO, 2020, p. 131).



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



Não à toa, alguns brancos são considerados os maiores especialistas sobre os negros, no Brasil e fora. Quando falam, falam a partir da ciência, pois eles são a ciência, são a manifestação do próprio conhecimento. Falam por si e pelo Outro, e quando muito, assumindo uma postura paternalista, objetivam “dar” voz ao Outro. Sendo assim, “Na maioria dos estudos, nos tornamos visíveis não através de nossas próprias autopercepção e autodeterminação, mas sim através da percepção e do interesse político da cultura nacional *branca* dominante [...]” (KILOMBA, 2019, p. 72-73). A esse fenômeno, Sueli Carneiro tem chamado de epistemicídio, “[...] que é uma forma de sequestro, rebaixamento ou assassinato da razão – as pessoas negras são anuladas enquanto sujeitos do conhecimento e inferiorizadas intelectualmente” (CARNEIRO, 2023, p. 14).

Assim como Guerreiro Ramos (1995) e Lourenço Cardoso (2020), Sueli Carneiro (2023) também argumenta que diversas áreas do conhecimento surgiram incumbidas de explicar e conhecer o Outro, muitas vezes, por elas mesmas produzidas, e que “É assim que o negro sai da história para entrar nas ciências, a passagem da escravidão para a libertação representou a passagem de objeto de trabalho para objeto de pesquisa” (CARNEIRO, 2023, p. 44). Na tentativa de produzir e explicar o Outro sob perspectivas brancas, pesquisadores brancos ainda hoje recusam os conhecimentos e perspectivas dos Outros não brancos, em especial, os produzidos por militantes, ativistas e intelectuais negros. A recusa garante aos pesquisadores brancos a “autoridade” para falar sobre o Outro, e resulta na deslegitimação e negação da mesma ao Outro. Nessa lógica, o Outro é incapaz de falar por si próprio.

Isso tudo configura o epistemicídio, que para Sueli Carneiro, constitui o que ela chama de dispositivo de racialidade:

Para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, o epistemicídio implica um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo a de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e pelo rebaixamento da sua capacidade cognitiva; pela carência material e/ou pelo comprometimento da sua autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (CARNEIRO, 2023, p. 88-89).

Concomitante à desqualificação do conhecimento, é necessária a desqualificação dos Outros nos sentidos mais amplos, o que resulta na destituição da razão dos Outros (CARNEIRO, 2023). Inferiorizados ao extremo, os brancos tornam a razão o antônimo do Outro, negro (CARNEIRO, 2023), logo, ele, o negro, é destituído da inteligibilidade e da



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



autoridade de falar sobre si e também sobre o mundo. Mesmo assim, alguns sujeitos negros tem resistido e falado sobre si, e mais do que isso, têm observado criticamente a branquitude e escrito sobre ela. Com isso, o presente artigo tem como objetivo geral tecer algumas considerações sobre pesquisadores brancos do negro-tema (RAMOS, 1995), a partir das críticas dos intelectuais negros Guerreiro Ramos (1995) e Lourenço Cardoso (2020), de modo a evidenciar que a produção científica de autoria branca não é neutra, mas também socialmente localizada e interessada, e que ao criar o Outro (objeto de estudo) ela cria a si mesma. Cabe observar que as reflexões e resultados aqui apresentados são derivados da minha pesquisa de mestrado desenvolvida no campo dos Estudos Culturais, em especial, do trecho *O negro-vida sobre o branco vida* (OLIVEIRA, 2023, p. 150-167)

PESQUISADORES BRANCOS A PARTIR DA CRÍTICA NEGRA

No início da segunda metade do século XX, Guerreiro Ramos se colocou a estudar não apenas o negro, como a própria tradição acadêmica instrui, mas a analisar também a branquitude através de sua produção teórica sobre os negros. Para o sociólogo, “importa, antes de estudar a situação do negro tal como é efetivamente vivida, examinar aquela literatura, tendo em vista desmascarar os seus equívocos, as suas *ficelles*, e, além disso, denunciar a sua alienação” (RAMOS, 1995, p. 163). Argumenta que já na época havia uma farta literatura nacional e estrangeira que tinham como objeto de estudo o negro, e a ela estava imputada um modo de ver as relações raciais, modo esse europeu e norte-americano (RAMOS, 1995).

Com isso, Guerreiro Ramos argumenta que a antropologia no Brasil se encontrava fortemente alienada, tanto em suas categorias quanto em suas temáticas. Em sua análise, ele seleciona alguns trabalhos que têm o negro como tema e ao analisá-los os organizam em três correntes fundamentais conforme o seu teor e aproximações. A primeira é formada por “Sylvio Romero (1851-1914), que continua nas obras de Euclides da Cunha (1866-1909), Alberto Torres (1865-1917) e Oliveira Viana (1883-1951), e se caracteriza pela atitude crítico-assimilativa dos seus epígonos, em face da ciência social estrangeira” (RAMOS, 1995, p. 168). Embora divirjam teoricamente, esses autores se interessavam por teorizar um tipo étnico brasileiro, e “No que diz respeito ao elemento negro, seus trabalhos, embora ressaltem a sua importância, contribuíram para arrefecer qualquer tendência para ser ele considerado do ângulo



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



do exótico, ou como algo estranho na comunidade” (RAMOS, 1995, p. 168). A segunda corrente, chamada por Guerreiro Ramos de monográfica:

[...] é fundada por Nina Rodrigues (1862-1906), e continua nas obras de Arthur Ramos, Gilberto Freyre e de seus imitadores. O elemento negro se torna “assunto”, tema de especialistas, cujos estudos pormenorizados promoveram, entre nós, movimento de atenção de uma parcela de cidadãos para os chamados afro-brasileiros. Interessava-lhes o passado da gente de cor ou as sobrevivências daquele no presente. Enquanto a primeira corrente viu o elemento de cor preponderantemente em devenir, em processo, a última inclinava-se a adotar ponto de vista estático, acentuando minuciosamente o que na gente de cor a particularizava em comparação com os restantes contingentes étnicos da comunidade nacional (RAMOS, 1995, p. 168-169).

Em seguida, Guerreiro Ramos analisa individualmente alguns autores brancos, identificando como se manifestam sua branquitude, quais os interesses de suas pesquisas, objetivo fim, e como abordam o negro. Guerreiro Ramos analisa Sylvio Romero e o mestiçamento, para o qual, “O negro – dizia – não é só uma máquina econômica; ele é antes de tudo, e mau grado sua ignorância, um objeto da ciência” (RAMOS, 1995, p. 169-170), e que entendia que o mestiçamento, tendo em vista que os “povos inferiores” (índios e negros), resultaria em uma “instabilidade moral da população”. Quando Romero se volta aos brancos, chama-os de “arianos”, “a grande raça”, “bela e valorosa raça” (RAMOS, 1995, p. 170). Por fim, visando o embranquecimento, Romero assume a mestiçagem como uma opção viável, pois o branco seria a raça que prevaleceria. Ademais, Guerreiro Ramos reconhece as contribuições de Romero para a antropologia ao criticar a adoção de concepções europeias para a realidade brasileira.

Sobre Euclides da Cunha, Guerreiro Ramos o reconhece como um dos fundadores da sociologia regional, que atribuía às questões climáticas influência sobre o desenvolvimento das raças, e embora tenha assumido uma antropologia racista, tece críticas ao caráter depreciativo desta ao Brasil. Sobre ele, Guerreiro Ramos aponta que “Para Euclides da Cunha, o mestiço é, com efeito retrógrado, mas não em caráter definitivo. Deixará de o ser por meio do processo civilizatório. “Estamos condenados à civilização” – diz o autor. E ainda: “ou progredimos ou desaparecemos” (1995, p. 174). Quando se dedica à análise de Oliveira Viana, Guerreiro Ramos afirma categoricamente que ele e Nina Rodrigues foram os que mais se equivocaram. Oliveira Vianna foi defensor do branqueamento do Brasil, “tese arianizante”, que segundo Guerreiro Ramos “Para ele, a inferioridade do nosso povo, resultante de sua componente negra, era



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



passageira. Viu as nossas relações de raça não como uma situação definitiva, mas como algo em processo” (1995, p. 180).

Guerreiro Ramos direciona sua crítica mais incisiva ao médico eugenista Nina Rodrigues, que para ele sofria de um certo sadomasoquismo, pois declarava que o negro era o maior traço da inferioridade brasileira. Guerreiro Ramos argumenta que o trabalho de Nina Rodrigues é de segunda ordem, mas “Dele, porém, fizeram um cientista, um ‘antropólogo’, e, mais que isto, o chefe da chamada ‘escola baiana’. Arthur Ramos considera o escritor maranhense-baiano um sábio, um mestre, portador de ‘melhor formação científica’ do que Euclides da Cunha e Sylvio Romero” (RAMOS, 1995, p. 183). Guerreiro Ramos aponta que Nina Rodrigues era racista, assim como sua antropologia e outros trabalhos, mas também reconhece suas contribuições, “Graças a ele, sobretudo, temos hoje ideia da diversidade de providência dos africanos que foram trazidos para o Brasil e outras informações preciosas sobre as diferenças culturais entre negros” (RAMOS, 1995, p. 183), além, é claro, do sincretismo religioso e linguístico. Para Guerreiro Ramos, Nina Rodrigues não foi um cientista, mas um beato quanto à ciência importada – “Não teve espírito científico. Foi beato e copista. Não cita escritor estrangeiro sem empregar adjetivo laudatório” (RAMOS, 1995, p. 183-184) –, que pouco condiziam com a realidade local, assim como seus seguidores da escola baiana. Guerreiro Ramos afirma que “Eles gostam, como certa figura do conto de Machado de Assis, de apresentar-se na companhia de escritores estrangeiros. Dão gritinhos, quando isso acontece” (RAMOS, 1995, p. 184), e acrescenta, “Mas a beatice de Nina Rodrigues não para por aí. Foi ainda admirador irrestrito dos povos europeus e verdadeiro místico da raça branca, na sua opinião, “a mais culta das seções do gênero humano” (RAMOS, 1995, p. 184).

Por fim, Guerreiro Ramos argumenta que:

Senti a necessidade de documentar fartamente as afirmações acima para neutralizar a impressão que algum leitor possa ter a respeito de quem escreve estas linhas, pois sustento que Nina Rodrigues é, no plano da ciência social, uma nulidade, mesmo considerando-se a época em que viveu. Não há exemplo, no seu tempo, de tanta basbaquice e ingenuidade. Sua apologia do branco nem maliciosa é, como fora a de Rosenberg (na Alemanha). É sincera, o que o torna ainda mais insignificante, se se pretende considerá-lo sociólogo ou antropólogo. Há notícia de que ele foi homem bom, professor digno e criterioso, mas os seus amigos, pretendendo fazê-lo passar à história como cientista, fizeram-lhe verdadeira maldade, pois a sua obra, neste particular, é um monumento de asneiras (RAMOS, 1995, p. 186).



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



Com isso, questiona “Não teriam os admiradores de Nina Rodrigues extrapolado para o campo das ciências sociais a sua possível autoridade no campo da medicina legal?” (RAMOS, 1995, p. 186). Embora reconheça que as obras de Nina Rodrigues como importantes fontes históricas, afirma que a melhor forma de homenagear “é fazer silêncio a respeito de sua obra” (RAMOS, 1995, p. 187). Guerreiro Ramos também afirma que com Nina Rodrigues funda-se a tematização do negro, o negro como objeto de estudo na sociologia e antropologia. Foi seguido por Arthur Ramos, que para Guerreiro Ramos “jamais se situou em ciência. Neste terreno, não atingiu a maturidade. Nenhuma obra sua reflete unidade teórica. No plano da ciência, foi um sincrético em todos os seus livros sobre o negro” (1995, p. 187), adotando primeiramente a psicanálise, depois a antropologia cultural e, por fim, a aculturação, que segundo Guerreiro Ramos seria “um processo de preservação e expansão da “brancura” de nossa herança cultural. Mas, a partir da perspectiva do negro, a aculturação se revela um ponto de vista que merece muitas reservas” (1995, p. 188). A tematização do negro iniciada de forma sistemática por Nina Rodrigues, seguida por Oscar Freire e Arthur Ramos, deu origem ao “problema do negro”, que posteriormente também foi tema das pesquisas de Donal Pierson, Charles Wagley, Florestan Fernandes e Thales de Azevedo, que muito embora diverjam dos seus antecessores e entre si, ainda tinham como mesmo objetivo, estudar o objeto, o negro, explicá-lo (RAMOS, 1995, p. 189-190).

Ao analisar a branquitude desses teóricos e pesquisadores, Guerreiro Ramos “diagnostica” que eles sofrem de uma “patologia social do branco”, o que ao mesmo tempo lhe confere originalidade, mas também lhe renderia significativas críticas (ALVES, 2012). Para o sociólogo (RAMOS, 1995), as populações de países que passaram pelo processo de colonização europeia sofrem de um “desvio existencial” que lhes imputa uma inferioridade quanto à sua identidade étnica/racial “objetiva”. Negando a si próprios, os sujeitos, brancos e negros, buscam cada vez mais se aproximarem da brancura europeia, ou seja, a população, em especial a branca, vive um ideal de brancura, uma negação de si enquanto “mestiços”, negação que ultrapassa as questões fenotípicas e se estende para as questões simbólicas e materiais. Guerreiro Ramos argumenta que essa negação de si e adoção da brancura estrangeira se dá pela adoção de perspectivas teóricas europeias, com destaque nas ciências sociais, e que são alheias à realidade brasileira. A partir da definição de Durkheim de normal e patológico, Guerreiro Ramos argumenta que, “A minha tese é a de que, *nas presentes condições da sociedade brasileira,*



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



existe uma patologia social do “branco” brasileiro e, particularmente, do “branco” do “Norte” e do “Nordeste” (RAMOS, 1995, p. 221) e continua:

Esta patologia consiste em que, no Brasil, principalmente naquelas regiões, as pessoas de pigmentação mais clara tendem a manifestar, em sua auto-avaliação estética, um protesto contra si próprias, contra a sua condição étnica objetiva. E é este desequilíbrio na auto-estimação, verdadeiramente coletivo no Brasil, que considero patológico. Na verdade, afeta a brasileiros escuros e claros, mas, para obter alguns resultados terapêuticos, considere, aqui, especialmente, os brasileiros claros (RAMOS, 1995, p. 222).

Ao focar nos intelectuais brancos do “Norte” e do “Nordeste”, tendo em vista a maioria negra nestas regiões, contesta as alegações desses intelectuais sobre sua brancura, pois para Guerreiro Ramos (1995) estes estão a negar sua condição étnica objetiva, do ponto de vista antropológico, sua miscigenação. São mestiços, logo, não tão brancos quanto imprimem e acreditam ser, ou melhor, pretendem ser. Alega que nestas regiões, são poucos os brancos que de fato “são brancos” e acrescenta que:

Os elementos da minoria “branca” no “Norte” e no “Nordeste” são, por exemplo, muito sensíveis a quem quer que ponha em questão a sua “brancura”. Por isso exibem a sua brancura de maneira tal que não suscite dúvida. São eles, em geral, muito ciosos de suas origens enobrecedoras e aproveitam todo pretexto para proclamá-las: anéis, decoração da casa, constituição do nome, estilo linguístico (RAMOS, 1995, p. 227).

A argumentação de Guerreiro Ramos sobre a condição étnica “objetiva” – mestiços – lhe expõe a críticas. Para Liv Sovik o texto de Guerreiro Ramos é ultrapassado em alguns aspectos, entre eles, “[...] alia-se à denúncia europeia da inautenticidade da branquitude brasileira [...] Guerreiro Ramos parece endossar os valores que embasam o desprezo do observador europeu: só os europeus teriam direito a seu eurocentrismo” (2009, p. 21), e segundo Luciana Alves, “Ao propor que mestiços claros reconhecidos socialmente como brancos estariam a negar sua ‘condição objetiva’, Ramos demonstra acreditar na existência de tal condição como fato objetivo e não como construção social” (2012, p. 42). Porém, Luciana Alves pondera que:

Seria demasiado anacrônico cobrar do autor, inserido num contexto sócio-histórico de mais de cinco décadas atrás, conclusões a que chegaram estudos mais recentes. O que indico é que atribuir às ideias de Guerreiro Ramos o início dos estudos de branquitude brasileiros exige cautela (ALVES, 2012, p. 42-43).

Penso que Guerreiro Ramos foi assertivo ao argumentar a patologia social do branco, mas a argumentação baseia-se equivocadamente na ideia de raça como uma categoria objetiva



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



e não um constructo social. Tomadas as devidas críticas, o conceito ainda se mostra pertinente nos dias de hoje.

Adiante, Guerreiro Ramos (1995) argumenta ainda que os brancos, no desejo de se tornarem ainda mais brancos, traçam inúmeras estratégias e utilizam alguns recursos:

Um desses processos de disfarce étnico, que aquela minoria tem utilizado, é a tematização do negro. Ao tomar o negro como tema, elementos da camada “branca” minoritária se tornam mais brancos, aproximando-se de seu arquétipo estético – que é europeu. Eis porque a literatura sociológica e antropológica sobre o negro tem encontrado seus cultores principalmente entre intelectuais dos Estados do “Norte” e do “Nordeste” (grifo meu) (RAMOS, 1995, p. 226).

Como afirma, “Foi uma minoria de “brancos” letrados que criou esse “problema” [...]” (RAMOS, 1995, p. 236). Ao analisar e explicar o Outro – para si próprio – a partir da perspectiva da branquitude, os brancos não estavam apenas produzindo o Outro, mas produzindo também a si mesmos. O que interessa é o exótico, o diferente do Eu, e ao escrever sobre o Outro, os brancos elencaram a eles as suas próprias contradições, o Outro é isso, logo, “eu” não sou isso que observo.

Neste ponto, é oportuno perguntar: Que é que, no domínio de nossas ciências sociais, faz do negro um problema, ou um assunto? A partir de que norma, de que padrão, de que valor, se define como problemático ou se considera tema o negro no Brasil? [...] Determinada condição humana é erigida à categoria de problema quando, entre outras coisas, não se coaduna com um ideal, um valor ou uma norma. (RAMOS, 1995, p. 190).

O negro, criação dos brancos, se torna objeto de interesse quando o branco quer se tornar ainda mais branco, nessa perspectiva, não há um “problema do branco”. Normalmente, mesmo quando falamos sobre “relações raciais”, estamos a discutir “o problema do negro”, seja para examiná-lo, dissecá-lo, explicá-lo e/ou denunciar o quanto eles sofrem com o racismo, desde que esse “problema” não se aproxime da branquitude. Sobre isso, Guerreiro Ramos elabora e distingue dois conceitos imprescindíveis para visibilizar a branquitude, o negro-tema e o negro-vida. Para ele:

O negro-tema é uma coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço da realidade nacional que chama a atenção. O negro-vida é, entretanto, algo que não se deixa imobilizar; é despistador, protético, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje (Ramos, 1995, p. 215).



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



Assim, o negro-tema é aquele estudado pelos pretensos “senhores” da ciência. É o objeto a ser retratado, mumificado, coisificado, desumanizado, serve ao manuseio da branquitude, que para legitimar-se adere a inúmeras justificativas. O negro-tema difere do negro-vida, aquele que é protagonista, que é hoje o que não era ontem e assim sucessivamente, é dinâmico, vivo, com suas próprias contradições. Ele/ela é senhor/senhora de si, produz conhecimento a partir de si e dos seus. Como aponta Guerreiro Ramos, “O negro, na versão de seus “amigos profissionais” e dos que, mesmo de boa-fé, o veem de fora, é uma coisa. Outra é – o negro desde dentro” (RAMOS, 1995, p. 248).

A partir de Guerreiro Ramos, Lourenço Cardoso (2020) tem se debruçado a analisar pesquisadores brancos que utilizam o negro-tema em suas produções, algo recorrente na academia brasileira, e aponta que:

No desenrolar desta obra, pude constatar que o hábito de o negro ser tratado como “simples objeto” é uma das principais críticas apontadas pelas pessoas que entrevistei. Porém eles mesmos revelam que ainda persiste essa perspectiva teórico-metodológica. Isso significa que a mentalidade daqueles que produziram os primeiros estudos sobre o negro no Brasil ainda não foi totalmente superada (CARDOSO, 2020, p. 234).

O mesmo também foi observado por Cida Bento, “Não é por acaso a referência apenas a problemas do Outro, o negro, considerado diferente, específico, em contraposição ao humano universal, o branco” (BENTO, 2014, p. 41). O negro-tema e a epistemologia do negro, produzidos pelos brancos, são reflexos do narcisismo da branquitude, não lhe interessa investigar criticamente a si mesma. Cabe lembrar que “O “negro-objeto” foi fundamental para a história pessoal de alguns brancos ao passo que contribuíram com a construção de suas carreiras na universidade. Depois disso, puderam tratar de outros temas. Afinal o branco se incumbem de pensar todos os assuntos” (CARDOSO, 2020, p. 298-299). Ao analisar o branco pesquisador do negro-tema, e a partir do conceito de branco narcísico de Cida Bento, Lourenço Cardoso cunha o conceito “Branco Drácula”. Para ele:

O branco é como Drácula. Vive nas sombras. A sua imagem não aparece no espelho. O branco é sedutor. Ele quando aparece é o mais sedutor. O branco é o principal objeto de desejo. O branco, enquanto Drácula, de repente surge. Apresenta-se em sua bela figura. Nós, todos os não-Dráculas, cobizamos seu corpo, nossos corpos queimam em desejo; rogamos que ele nos absorva (CARDOSO, 2020, p. 161-162).

O Branco Drácula difere do branco Narciso, pois o branco narciso só olha para si, é enamorado por si, sua imagem é sua própria contemplação, afoga-se em si mesmo. Já o Branco



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



Drácula não tem sua imagem refletida no espelho, a sua não imagem é a manifestação de sua existência, mesmo assim, “Aquele que não é semelhante, não é belo. Pelo contrário, um ser repugnante, no máximo, saboroso alimento que lhe desperta o apetite, os instintos “animalescos” (CARDOSO, 2020, p. 162), aliás:

O branco escolhe um corpo. Qualquer corpo tanto faz. O branco é como Drácula. Será ele que escolherá não se importará se a “peça” é homem ou mulher, adulto ou criança, rico ou pobre, nacional ou estrangeiro. O corpo escolhido ficará agradecido. Para o Drácula, somente importa que o “animal” seja saudável, jovial, especialmente, com o odor inebriante de sangue (CARDOSO, 2020, p. 162).

Até se dar por satisfeito, sugará tudo que puder do animal, o negro-objeto, o negro-tema, se possível até sua voz, sua vida. O pesquisador branco, quando assume a postura do Branco Drácula, utilizará seu objeto (sujeito, mas por ele tratado como objeto) da forma que lhe convém, irá construir sua carreira acadêmica e intelectual a partir deste tema, mas como seu retrato não é refletido no espelho, mesmo analisando sistemicamente o Outro, ano após ano, pouco ou quase nada olhará para si mesmo. Estudar o Outro não lhe ensina nada sobre si mesmo. Quando questionado sobre o que aprendeu sobre si mesmo, poderá se sentir constrangido, acuado, irá se silenciar ou rejeitar a questão, aliás, como ousam questioná-lo? Questioná-lo, expô-lo, é colocar o Drácula sob o sol. O simples questionamento lhe queima (CARDOSO, 2020). Recentemente, recorre à fala do próprio objeto (sujeito) para conferir a sua pesquisa maior legitimidade, como capas para protegê-lo do sol.

Assim como argumenta Lourenço Cardoso (2020), o Branco Drácula é sedutor, ele sabe se introduzir em espaços outros, que não sejam a seu Castelo – a academia –, se aproximar sorrateiramente, é ágil e por vezes simpático, mas nunca sem abrir mão deste lugar de Drácula – sujeito da ação e do conhecimento – e do Outro como objeto. Se fará presente enquanto bebe o sangue do animal – assim como suas práticas e manifestações culturais, e tudo que lhe despertar o interesse –, quando alimentado, partirá para outro animal, e assim, o drácula sobrevive, ele se torna imortal. Mesmo que seu corpo desmaterialize, continuará vivo através daqueles outros dráculas que formou ao longo de sua parasita vida, e/ou revisitado por aqueles brancos narcisos que admiram apenas seus semelhantes, será um eterno, um intelectual imortal. Portanto, assim como argumenta e questiona Lourenço Cardoso:

Se o branco falasse mais sobre si, tornando-se “comum”, provavelmente, perderíamos o interesse. Dessa forma, o não-Drácula, o não-branco, desfaria a fantasia, a partir do instante que passasse a considera-lo semelhante. O



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



fenômeno é possível de ocorrer se, de repente, pudéssemos escutá-lo com maior demora. Se pudéssemos observá-lo para além do encantamento. Se um dia pudermos enxergá-lo como igual, quem sabe como mortal? (CARDOSO, 2020, p.162).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões apresentadas sobre a relação da branquitude e a produção científica (COLLINS, 2020; KILOMBA, 2019), o epistemicídio (CARNEIRO, 2023), a “patologia social do branco brasileiro”, o “negro-tema” e o “negro-vida” (RAMOS, 1995), e o Branco Drácula (CARDOSO, 2020), é possível compreender que um dos *modus operandi* da branquitude acadêmica (científica) é justamente tomar o Outro, não branco, negro, como objeto de seus estudos ao mesmo tempo em que advoga a si mesma uma pseudoneutralidade científica. Ao fazê-lo, essa branquitude se esconde – não interessa pesquisar criticamente a si mesma – e assim como parasitas hematófagos (OLIVEIRA, 2023) constrói suas carreiras tomando os negros como um “problema”, o “problema do negro”, e concomitantemente, produz e torna-se ainda mais branca, sob o nome de ciência (RAMOS, 1995).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Luciana. **Ser branco: no corpo e para além dele**. São Paulo: Editora Hucitec, 2012.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In*: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva Bento (Org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 25-57.
- CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre o pesquisador branco que possui o negro como objeto científico tradicional**. Curitiba: Appris, 2020.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia feminista negra. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 139-170.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- OLIVEIRA, Rafael Dantas de. **ONDE ESTÃO OS BRANCOS? Desvelando a branquitude na Arte Brasileira**. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2023.



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. 2. ed. São Paulo: Veneta, 2020.

SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.